

## CARLOS HENRIQUE SCHROEDER



Carlos nasceu na década de 1970 na cidade de Trombudo Central, no interior de Santa Catarina. É filho do contabilista Renato Schroeder e da professora Maria do Carmo Schroeder, e irmão mais velho de Juliana Schroeder (1980), Renato Schroeder Júnior (1983) e Eduardo Schroeder (2000). Carlos teve na biblioteca dos avós paternos o caminho para a escrita: obras completas de Maupassant, Hemingway e Tolstói.

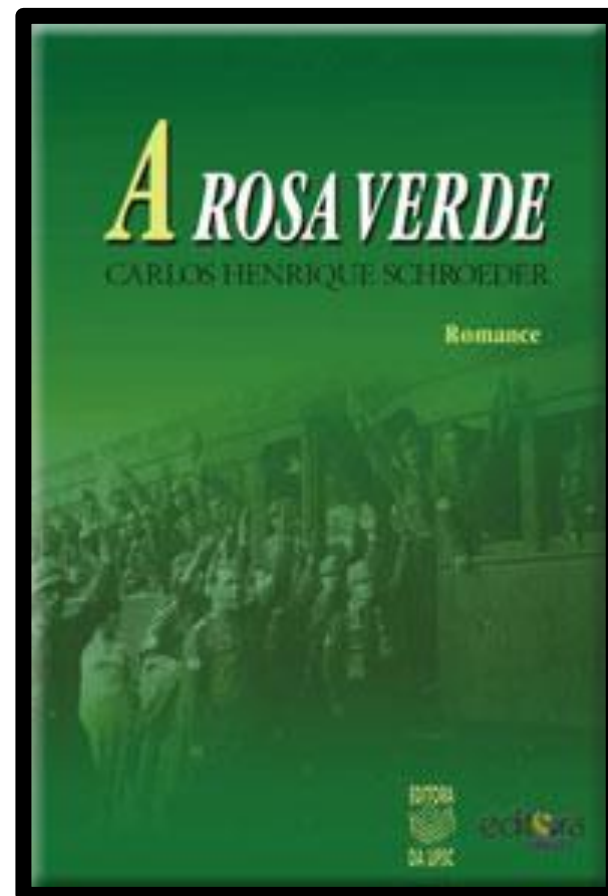
Estreou na literatura em 1998 com a novela "O publicitário do diabo" (Manjar de Letras), e de lá para cá lançou quase uma dezena de livros, com destaque para os romances "A rosa verde" (Editora da UFSC, 2005), "Ensaio do Vazio" (7 Letras, 2006), e para a coletânea de contos "As certezas e as palavras" (Editora da Casa, 2010). Em 2009 foi contemplado pelo Edital Elisabete Anderle, do Governo do

Estado de Santa Catarina, com recursos para publicar uma antologia de suas peças de teatro. Ainda em 2009, foi um dos escritores catarinenses selecionados para representar o estado na Feira do Livro de Porto Alegre, por ocasião da homenagem do evento à Santa Catarina.

Em 2010 foi agraciado com a Bolsa Funarte de Criação Literária, do Governo Federal, para pesquisa e conclusão de seu romance "A mulher sem qualidades". Ainda em 2010, recebeu o Prêmio Clarice Lispector de Literatura, como melhor livro de contos do ano, por "As certezas e as palavras". Desde 2007 é cronista fixo (escreve todos os sábados) dos diários A notícia e O correio do povo. Casou em 2008 com a estilista Deborah Barros e é pai de Henrique Barros Schroeder, nascido em 2010. Carlos também integra as coletâneas "Geração Zero Zero" (Língua Geral, 2011), organizada por Nelson de Oliveira; "Como se não houvesse amanhã" (Record, 2010), organizada por Henrique Rodrigues; "A teus pés" (Editora da Casa, 2009), organizada por Manoel Ricardo de Lima e "O novo conto Catarina" (Editora da UFSC, 2008), organizada por Regina Carval.

## PRINCIPAIS OBRAS:

- ✓ *As certezas e as palavras*, 2010.
- ✓ *Ensaio do vazio*, 2006.
- ✓ *A rosa verde*, 2005.



## AS FANTASIAS ELETIVAS



*As Fantasias Eletivas*, de Carlos Henrique Schroeder (Record, 2014). Oferece mais, a perspectiva travessa, traveca, de uma história comum, pelo menos à primeira vista, mas que recebe um tratamento literário conciso, a fábula se transformando em trama digna de um contista que escreve um romance (ou novela?).

Começa com Renê, também conhecido como "Mister Álcool" (ou Ratón para os fãs de Copi), desgraçado, que trabalha à noite na recepção de um hotel, em Balneário de Camboriú. De alguma forma, ele desperdiçou tudo que a vida lhe deu. Seu casamento foi desfeito, perdeu a mulher, perdeu a chance de ver o filho, perdeu os pais que não querem mais falar com ele. Noutras palavras, é uma espécie de fantasma que se move pela praia catarinense, apenas trabalhando e trabalhando, ilusoriamente vivendo. Ainda que sua presença corpórea se torne notável no começo do livro, com a fachada que recebe no meio da rua, sem saber que nem por quê.

Mas então está Renê, dia desses, piloto de sua recepção, quando recebe a visita de Copi, baixinha, bonita, de voz forte. Um traveco. Ela deixa um cartão de contato, pedindo que Renê a indique para os clientes do hotel, se precisarem, a profissão mais velha do mundo.

E Rene chama? Não chama.

Copi passa todos os dias pela frente do hotel. Um dia, resolve entrar, pergunta por que ele chama as outras, e não a chama. E Renê a ameaça. Sapatos de salto voam. Renê agora é macho, expulsa-a. Porém no outro dia, lá está Copi, trazendo um vinho, pedindo desculpas. E vinhos depois, dias passados, até se tornam amigos. Não por favores sexuais, talvez sim pela solidão duplicada, ali daqueles dois, no deserto que é uma praia em datas (in)festivas.

*As Fantasias Eletivas* também possui uma espécie de ensaio fotográfico. Em dado momento, Copi conta a Renê que possui uma Polaroid, que com ela vai tirando fotos, depois escreve textos a partir dessas fotografias.

Mais do que isso, Copi discursa sobre a fotografia, fala de suas relações com a literatura. O sentimento que o leitor absorve é de que ambas são artes da solidão, em que o olhar do que está disforme se reproduz, mesmo que não faça nenhum sentido para outras pessoas que verem.